

## AFIRMAÇÕES DOUTRINÁRIAS ENQUANTO RESPOSTA ÀS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E ELEMENTO IDENTITÁRIO

Rogeh Alves Bueno\*  
Fábio de Sousa Neto\*

### RESUMO

A partir de algumas propostas de Francis Schaeffer e Alister MacGrath articuladas à pesquisa historiográfica, procuramos entender afirmação ou ênfase doutrinária, enquanto respostas à dinâmica cultural de nossos tempos. De igual modo, associamos à afirmação de MacGrath sobre o caráter da doutrina enquanto demarcador social, o fenômeno das ênfases doutrinárias e articulações eclesiológicas ocorridas no bojo da denominada revolução cultural a partir da década de 1960. Assim, as afirmações doutrinárias sustentadas pelas Assembleias de Deus naquela conjuntura, sugerem respostas à sociedade, e a outros grupos pentecostalizados, tendo como ponto de inflexão os eventos relacionados à revolução cultural, ao comportamento e aos produtos culturais enquanto referências identitárias.

**Palavras-chave:** Schaeffer. MacGrath. Doutrina. Revolução cultural. Identidade.

### ABSTRACT

Based on some proposals by Francis Schaeffer and Alister MacGrath articulated to the historiographical research, we try to understand doctrinal affirmation or emphasis, as answers to the cultural dynamics of our times. Similarly, we associate MacGrath's statement about the character of doctrine as a social demarcator, the phenomenon of doctrinal emphases and ecclesiological articulations that took place in the midst of the so-called cultural revolution since the 1960s. Thus, doctrinal affirmations supported by the Assemblies of God at that juncture, suggest responses to society, and to other pentecostalized groups, having as a point of inflection the events related to the cultural revolution, behavior and cultural products as identity references.

**Keywords:** Schaeffer. MacGrath. Doctrine. Cultural revolution. Identity.

---

\* Rogeh Alves Bueno é Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC- Goiás. Especialista em Gestão Financeira e Controladoria (Padrão – GO), pós-graduando em Teologia Sistemática (FASSEB). Graduado em Administração, Contabilidade e Teologia. rogeh@fasseb.com.br.

\* Fábio de Sousa Neto é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC- Goiás. Pós-graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB. fabiosousaneto@gmail.com.\_

## 1 INTRODUÇÃO

*Estará sempre o homem  
longe da hora de Deus?  
O Céu dispensa calendários  
e ponteiros, a colher o infinito.  
O homem se perde a cada instante  
na imensidão do tempo.  
A hora do homem se cansa  
entre luzes e noites.*

(Joanyr de Oliveira)

A preferência pela história como ciência auxiliar fora um ponto de confluência nos escritos de Francis Schaeffer e Alister MacGrath, dois dos principais autores articulados em nossas reflexões, e que de certa forma, entrecruzaram nossas pesquisas. Essa relação nos permitiu aproximar as nossas inferências ao propósito de afirmação ou ênfase doutrinária enquanto respostas à dinâmica cultural da atualidade, à primeira tese de Alister E. MacGrath, sobre a doutrina como demarcador social, defendida em seu livro *A gênese da doutrina: fundamentos da crítica doutrinária* (2015). Associamos a isso, o fenômeno das ênfases doutrinárias e articulações eclesiológicas ocorridas nas Assembleias de Deus no bojo da denominada revolução cultural a partir da década de 1960 e com desdobramentos nas décadas seguintes. Assim, as afirmações doutrinárias esposadas pelas Assembleias de Deus naquela conjuntura, aparecem também, como respostas a suas congêneres e à sociedade como um todo, tendo como ponto de inflexão os eventos relacionados a revolução cultural, ao comportamento e aos produtos culturais enquanto referências identitárias.

Parte de nossa pesquisa coincide em termos de recorte temporal, com a escrita de Francis Schaeffer (2001), aqui, nos referimos a conjuntura da primeira publicação de *Scape From Reason* em 1968. Certamente, naqueles tempos o termo “mudança” não pareceria tão clichê como o percebemos hoje, pois a década de 1960 em grande medida, se apresentaria como o corolário do desencantamento com a proposta otimista da história encarnada pela máxima do progresso positivista, tão habilmente elaborada e criticada na célebre interpretação dada por Walter Benjamin (1987) ao *Angelus Novus* de Paul Klee (1920), nela, o anjo da história parece se

levantar assombrado ante a destruição provocada pela tempestade que o impele irresistivelmente rumo ao futuro, e “essa tempestade é o que chamamos de progresso” (BENJAMIM, 1987, p. 226).

No pós-guerra, esses assombros ganham contornos históricos indescritíveis, pois evidentemente, o progresso subsidiado pelo racionalismo e a ciência promovera profunda desumanização. Esses tempos são caracterizados pelas rupturas com ênfase no comportamento, no questionamento dos valores das sociedades tradicionais e conservadoras, aliás, um eufemismo para o conjunto de pechas negativas atribuídas ao que já se denominou de civilização judaico-cristã.

## 2 TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR

*“Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências”.*

(II TIMÓTEO 4.3)

Segundo Eric Hobsbawm (1995), os desvairados anos de 1960 seriam testemunhas das profundas transformações em curso, entre outras, o historiador da *new left* verificou fenômenos relacionados à crise da família percebida de forma dramática nas condutas sexuais, na experiência sexual precoce, na legalização e o aumento dos índices de divórcio, o surgimento de novos arranjos familiares, sobretudo de lares liderados por mães solteiras, e a descriminalização das relações homossexuais. Acrescentamos ainda, que tudo isso estaria inexoravelmente explicitado na linguagem e na cultura, cujos símbolos seriam entre outros, os hippies lisérgicos, o modismo das religiões orientais e mesmo a música, daí a máxima juvenil, *sexo, drogas e rock 'n roll* fazer todo sentido.

A marca dessa ruptura, verificada nos produtos culturais como forma estética da diferenciação entre a jovem geração na década de 1960, era o blue jeans, segundo o autor da *new left*, surgido nas universidades americanas entre aqueles que não queriam se parecer com seus pais, algo que juntamente com os produtos da indústria fonográfica seria um dos “símbolos materiais ou culturais de identidade” (HOBSBAWM, 1995, p. 322). Esse fosso entre as gerações, caracterizada na

referência que se deslizava para uma juventude extravagante e passageira, possuía seus deuses cujo ideal típico fora antecipado na indústria cinematográfica, pois;

A nova autonomia da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, não teve paralelo desde a era romântica no início do século XIX: O herói cuja vida e juventude acabavam juntas. Essa figura antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tronou a expressão cultural característica da juventude – o rock. Buddy Holly, Janis Joplin, Brian Jones, membro do Rolling Stones, Bob Marley, Jimi Hendrix e várias outras divindades populares caíram vítimas de um estilo de vida fadada a morte precoce. O que tornava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição (HOBBSAWM, 1995, p. 318).

Tudo isso reverbera uma decepção do mundo e desencantamento com os paradigmas ideologicamente fixos – como desdobramento do humanismo e do iluminismo – reforçado pelas utopias do final do século XIX e início do XX, assim, o castelo de areia sob o qual se erigiu as propostas da modernidade se vê corroído em suas bases, daí a presentificação constante da frase de Marx – muito embora a referência seja as mudanças profundas ocorridas no mundo social no final do século XIX – onde “tudo que era sólido e estável se desmancha no ar” ( MARX; ENGELS, 2005, p. 43). Essa frase de Marx sintetiza o contexto do lapso temporal tratado aqui e intitula este tópico.

É nesse período acima sintetizado que Schaeffer (2001) escreve, e o faz como testemunha daqueles tempos de maneira assombrosa, pois não houve distanciamento temporal suficiente que afirme uma análise mais profunda – como sugerido por Foucault (2004), haveria uma impossibilidade de apreender nosso tempo por nossa imersão nele – assim, ele identifica a dinâmica cultural do período às mudanças no comportamento, aos produtos culturais carregados de significados; a música, a literatura, a arte em termos gerais, como resultados das formas do pensamento filosófico que há muito “devorou totalmente a graça” ( SCHAEFFER, 2001, p. 32). Tudo isso, teria levado alguns a realocar para o “andar superior” suas frustrações na impossibilidade da experiência de natureza espiritual se dar no andar inferior.

Dessa forma, o existencialismo rompera de vez com a possibilidade integrativa entre os andares – divisão binária, segundo Schaeffer, inicialmente possibilitada por Tomás de Aquino na autonomização do intelecto – o que sobra é o desespero, sobretudo, pelos condicionamentos e determinismos que por fim

revelaram que o homem estaria morto, restando a alternativa de uma possível saída evocada no escape que se daria através dos usos de entorpecentes, uma forma encontrada para um deslocamento para o andar de cima. Nesse sentido, a experiência mística provocada por substâncias alucinógenas defendidas abertamente por Aldous Huxley teria a seguinte justificativa;

O ponto a destacar-se é que no andar inferior -a natureza – a vida não faz sentido, é inteiramente destituída de significação. O indivíduo usa o entorpecente a fim de tentar alcançar uma direta experiência mística sem qualquer relacionamento com o mundo do racional [...] A razão básica porque os entorpecentes estão sendo levados tão a sério hoje em dia não é a sensação que produzem, nem o escape que proporcionam, mas é que os indivíduos se sentem desesperados (SCHAEFFER, 2001, p. 52).

Essas são as conclusões de Schaeffer sobre a busca por um êxtase nas drogas, sugerindo o mesmo para as artes, a exemplo da música, que por inferência encontraria sua maior expressão no psicodelismo. Nem mesmo a teologia estaria imune a essas ingerências históricas, a exemplo, insinua a ênfase na experiência destituída da revelação na teologia liberal encarnada em Schleiermacher, e talvez as influências do existencialismo no pensamento de Paul Tillich (1886–1965) e Karl Barth (1886–1968).

Ora, diante de toda essa percepção, Schaeffer ainda cita Foucault (1926–1984) como autor representativo de uma tendência à época, do desespero que se revela ante o fracasso do racionalismo e as promessas do iluminismo em autonomizar o homem. Era o alvorecer de uma época de uma confusa consciência histórica, o acenar do que se convencionou chamar de pós-modernidade.

Essas preocupações do presente, levam Francis Schaeffer a vasculhar certas reminiscências do passado, qual seja, para romper com o abismo comunicacional de seu tempo, marcado por profundas mudanças ocorridas nas formas de pensamento, seria preciso empreender um inventário do pensamento ocidental. O presente está ameaçado, parece se tornar irreconhecível, o abismo geracional é marcado pela falência com as propostas da modernidade, o mundo se apresenta do ponto de vista teórico, como incognoscível, mas para ele, isso nem sempre fora assim, e a arte como vestígios do passado teria muito a dizer.

Contudo, essa revisitação do passado parece não objetivar recuperá-lo, não há insinuação essencialista, entretanto, há uma percepção valorativa, a concepção de história de Schaeffer talvez não seja a história como mestra da vida, pois muito

embora, o importante seja o presente vivido e o agora, a história parece contribuir no afã de dar respostas aos problemas de seu tempo. Certeau (2011) já dissera que o percurso historiográfico leva sempre consigo o presente, e que “é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente (CERTEAU, 2011, p. 8).

Benjamin (1987) havia dito que esse escrutínio estaria carregado de um apelo, um acerto de contas com as gerações passadas e que era “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” (BENJAMIN, 1987, p. 229). Rüsen (2001) considerava que haveria uma necessidade humana intrínseca de orientação temporal, isso se daria na articulação entre a experiência do passado, o presente vivido e o futuro desejado, onde a História seria;

Exatamente o passado sobre o qual os homens têm de voltar o olhar, a fim de poderem ir à frente em seu agir, de poderem conquistar seu futuro. Ela precisa ser concebida como um conjunto, ordenado temporalmente, de ações humanas, no qual a experiência do tempo passado e a intenção com respeito ao tempo futuro são unificadas na orientação do tempo presente (RÜSEN, 2001, p.74).

Sendo assim, a noção de tempo para Schaeffer é decididamente cristã, por isso sua abordagem histórica está orientada pela visão cristã <sup>1</sup>reformada da realidade, onde “o tempo já não é a imagem móvel da eternidade. A história é vista como um itinerário, uma marcha da humanidade para a sua realização, para o encontro da Jerusalém terrestre com a Jerusalém celeste” (BOURDÉ; MARTIN, 1983, p. 13), assim como em Benjamim, a história cumpre um papel, se inscreve num compromisso por demais humano, a grande diferença é que em Schaeffer não há dicotomização entre os o mundo tangível e o imaterial como no materialismo histórico. Assim, seu compromisso seria tanto com a cultura quanto com a espiritualidade, nele, de certa forma, as duas cidades agostinianas, a cidade de Deus e a Cidade dos Homens não seriam tão díspares assim.

---

1 Schaeffer está em diálogo com a filosofia reformacional holandesa. Nessa tradição, há forte ênfase no mandato cultural; uma interpretação de Gn 1:26-30 onde à humanidade cabe o domínio sobre a criação como herança divina. De certo modo, é o reconhecimento do senhorio de Cristo sobre a cultura, ou em todas as áreas da existência humana.

### 3 ÊNFASE DOCTRINÁRIA E IDENTIDADE

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina”.  
(TITO 2.1)

Ao abarcar todas as elucubrações do tópico anterior, é plausível considerar as afirmações doutrinárias enquanto uma possibilidade de resposta às transformações sociais e como elemento de reforço identitário. Isto pode ser exemplificado historicamente, o que já fez MacGrath (2015) ao anunciar a doutrina como elemento identitário, e que muito embora, seja extraída dos insights bíblicos, seria inscrita na ênfase dada pelas comunidades de fé. Registramos abaixo, um excerto inserido à luz de uma abordagem histórica, trata-se de uma resposta aos <sup>2</sup>debates convencionais que iniciaram em 1968 e culminaram no que ficou conhecido como “A resolução de Santo André”, eis o registro como se segue;

E ser-me-eis santos, porque eu, o senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus’ (Lv 20.26)

A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela a convenção geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

- 1) Usos de cabelos crescidos pelos membros do sexo masculino;
- 2) Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino;
- 3) Uso de pintura nos olhos, unha e outros órgãos da face;
- 4) Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados);
- 5) Sobrancelhas alteradas;
- 6) Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho de vida cristã;
- 7) Uso de aparelho de televisão, convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria de seus programas, abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
- 8) Uso de bebidas alcoólicas.

Esta convenção resolve manter relações fraternais com outros movimentos pentecostais, desde que não sejam oriundos de trabalhos iniciados ou dirigidos por pessoas excluídas das Assembléias de Deus, bem como manter comunhão espiritual com os movimentos de renovação espiritual, que mantenham os mesmos princípios estabelecidos nessa resolução. Relações essas que devem ser mantidas com prudência e sabedoria, a fim de que não ocorram possíveis desvios das normas doutrinárias esposadas e definidas pelas Assembléias de Deus no Brasil (DANIEL, 2004, p, 438-439).

---

<sup>2</sup> Debates ocorridos durante as Assembleias Gerais Ordinárias da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil- CGADB cujo temário principal era norteado por problemas apresentados no âmbito da revolução cultural.

A resolução assumiria um caráter normativo, uma vez que representaria as respostas dadas às tensões socioculturais observadas desde a década de 1960, ou seja, “normas doutrinárias” interpretadas sob o registro bíblico do pentateuco e como inferência da doutrina da santificação. Suas estratégias configuram-se enfaticamente nas práticas dos fiéis, materializam-se as interdições, reforçam a doutrina, daí a onda de reconhecimento dos Institutos Teológicos, pois era preciso formar seus apologetas no salvaguardar de sua ortodoxia, ou seja, a doutrina ou ênfase doutrinária como fator de diferenciação assumiria função social no que tange à construção e manutenção da identidade.

Nas décadas seguintes, surgem críticas no periódico <sup>3</sup>Mensageiro da Paz de todos os matizes, ampla maioria sobre questões culturais e comportamentais como; a música, o Rock *in* Rio que seria “patrocinado pelo governo”, a música dita, profana na igreja, o estilo musical de alguns cantores, o vestuário e a sexualidade; a minissaia, a mulher se vestir com roupas masculinas, a homossexualidade. Um exemplo, é o aclamado Poeta assembleiano Joanyr de Oliveira, ele personifica a música no ensaio intitulado *Carta aberta à Música Profana*, cujo preâmbulo inicia com a inusitada saudação; “abominável senhora, como vai? Sim, sou eu outra vez, você nunca ousou encontrar alguém tão pertinaz, e decidido a incomodá-la, heim?” (OLIVEIRA, 1974, p.14). Logo, como observamos em nossas inferências,

Desde meados de 1960, as ADS veem respondendo às transformações socioculturais. As discussões sobre “usos e costumes”, o uso da TV, “a moda dos cabeludos”, da “minissaia” dos “penteados extravagantes” já assombra a vigilante liderança. Contudo, somente a partir de 1975 a liderança da igreja resolve deliberar sobre esses temas, e o faz, no sentido de retração, uma resposta àqueles que aderem à onda em ebulição. Notadamente, registra-se por esses tempos, um processo gradativo de reconhecimento dos cursos teológicos regulares. Fundado em 1958 por João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - IBAD, fora o primeiro a receber a chancela da convenção em 1973, depois, o Instituto Bíblico Pentecostal- IBP, fundado por Lawrence Olson, outros viriam posteriormente como, a Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus – EETAD, de Bernard Johnson (SOUSA NETO, 2013, p.46).

---

3 Períodico em formato de tabloide publicado ininterruptamente desde 1930. É veículo de informação oficial das Assembleias de Deus – CGADB. Construímos corpus documental utilizando parte desses arquivos depositados no Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP, localizado na matriz da CPAD no Rio de Janeiro.

No mesmo periódico, aparecem críticas ao mesmo tempo, explícitas e veladas sobre alguns grupos evangélicos em disputa, e que parece sugerir que são pentecostais ou pentecostalizados. No bojo dessas relações, uma das estratégias assembleianas foi, agir em termos de uma retração, inclusive, acentuando o que podemos insinuar como uma forma de <sup>4</sup>endogamia assembleiana, onde ao crente era recomendado se casar unicamente no seio do grupo, esse “cuidado com o casamento” (LEITE, 1974, p. 6), visava em última instância prevenir o mal de se afastar de Deus.

Na década de 1980, várias observações aparecem em relação a outros grupos pentecostais como, por exemplo, em nota do poeta Joanyr de Oliveira no Mensageiro da Paz de fevereiro de 1985, o mesmo menciona um artigo assinado por Paulo César Lima e publicado na revista Veja naquele período. Ao que tudo indica, o artigo sugeria certa generalização comparativa entre os grupos evangélicos, com destaque àqueles que já esboçavam a teologia da prosperidade. Tratava-se de uma aproximação entre a ficção e realidade – naquela tessitura onde a arte imita a vida – encarnada nas leituras cômicas do humorista Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho, mais conhecido como Chico Anísio e seu personagem “Tim Tones”. Segundo Joanyr, o personagem incorporado por Anysio, não seria mera ficção, mas representaria,

[...] uma categoria de cidadãos encontrados em todos os Estados e que veem enodoando o evangelismo pátrio. Eles exploram os crentes e exigem quase insuportáveis sacrifícios dos fiéis, prometem curas que nunca acontecem e, com as contribuições dos irmãos avolumam seu patrimônio e o de familiares seus.

Os Tim Tones não são dignos de respeito - mas, nem todos entre nós são Tim Tones! (OLIVEIRA, 1985, p. 19).

O título da nota de Joanyr era *Tim Tones - Quem é e quem não é*. Joanyr, concorda em parte com o artigo publicado na revista Veja, em relação à algumas representações anunciadas pelo personagem do humorístico “Chico Total”. No entanto, sai em defesa do grupo por ele representado, demarcando seus distanciamentos em relação aos “Tim Tones”. Notamos que o movimento de retração dessa comunidade de fé se deu como resposta aos desafios de seu

---

4 A prática dessa forma de endogamia se relaciona às uniões matrimoniais celebradas somente no seio do grupo. A referência se encontra em um artigo no Mensageiro da Paz nº 5 de 1974 sob o título, “Cuidado com o casamento”. O nome do autor está incompleto podendo se ler seu sobrenome, Alberto M. Leite.

tempo, ou seja, os fenômenos registrados no segmento na década de 1970 eram desdobramentos das discussões iniciadas na década passada, portanto sob as ingerências da dita, revolução cultural, a isso se soma a necessidade em demarcar socialmente o grupo, pela presença cada vez maior de seus <sup>5</sup>outros no subcampo pentecostal.

Essa preocupação latente é defendida pelos intelectuais do grupo, temos o exemplo ora citado do poeta Joanyr de Oliveira membro da Academia Brasileira de Letras. Antes, porém, já havia um projeto de construção da memória das Assembleias de Deus sinalizado desde a década de 1950 e consubstanciado com a publicação do primeiro trabalho historiográfico de caráter oficial, trata-se do livro, História das Assembléias de Deus no Brasil (1960), de autoria do jornalista e um dos primeiros editores do periódico Mensageiro da Paz, Emílio Conde (1901–1971). Fazendo coro à essas vozes, estava o teólogo e editor do mesmo periódico, João Pereira de Andrade e Silva (1918–1997) cujos apelos por coesão doutrinária e definição eclesiológica são apresentadas em discurso convencional em 1971 como registrado abaixo;

Respeitáveis e ilustres irmãos convencionais,  
Sem pretender sugerir diretrizes novas ou infringir normas consagradas pelo tempo e referendadas pelo Espírito Santo, creio que é chegada a hora, ou o tempo, em que problemas de pessoas ou igrejas locais cedam lugar aos interesses da igreja como denominação, como parcela atuante da vida nacional, cuja influência desafia os céticos e os poderes das trevas, que tem procurado marginalizar a obra desta comunidade, que não pode ser ignorada pelos secretários e presumidos de todos os matizes. Estes ou aqueles, queiram ou não queiram, terão que reconhecer os efeitos benfazejos nos destinos da nacionalidade.

Pequena em número no início, como foi o cristianismo no início da igreja, mas triunfante como aquele, domina já grande setor da vida desata nação. Mister, se faz por isso, que nos voltemos para o vértice de uma visão maior. Deixemos as questiúnculas, que nada constroem, mas ao contrário, demonstram os efeitos tardios de uma formação lacunosa. Elas são, até certo ponto, prejudiciais aos mais elevados propósitos do evangelismo, e principalmente do movimento pentecostal de que as Assembléias de Deus são expoentes no Brasil.

As Assembléias de Deus como denominação não podem continuar a semelhança de um agregado inicial de conversas entusiastas, incertas e algo desorganizadas. Ela deve como uma igreja amadurecida, e alicerçada no fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina (Ef. 2.20), ter eclesiologia própria e *modus operandi* homogêneo, a fim de que as terceiras e quartas gerações de crentes, que emergem do pélagos do mundo, não hajam de se deparar

---

5 A palavra “Outros” em nossa pesquisa, indica uma relação de alteridade na perspectiva de Tzvetan Todorov (2003). Essas relações seriam eivadas pelas relações de poder, cuja leitura fora possível a partir da noção de *Campo* de Pierre Bourdieu.

com as dificuldades que nos assoberbam agora, nos impondo situações assaz difíceis.

Há que se pensar na formação e aprimoramento de novos líderes levantados por Deus, os quais devem receber ensinamentos e observar exemplos que os estabilizem e esclareçam *per majorem gloriam dei* (DANIEL, 2004, p. 411).

Tais declarações seriam o indicativo de que as tensões internas e externas precisavam ser administradas, a igreja na concepção de seus intelectuais, necessitava de coesão doutrinária, de uma identidade homogênea, disso dependia seu futuro, esse é o apelo de seu discurso na convenção de 1971 por meio do qual se verifica a tentativa de reorganizar, homogeneizar e mobilizar o grupo, (re) aparelhá-lo para desafios por vir. Aqui ficaria evidente a articulação da comunidade e seus teólogos no afã de reforçar ao mesmo tempo sua homogeneidade e diferença, sua ortodoxia, as doutrinas esposadas enquanto fator identitário, talvez, no sentido daquele mesmo apelo verificado na proposta de Madureira (2017), em que os teólogos deveriam estar plantados na comunidade com vínculos pastorais, onde “a verdadeira teologia é produzida numa atmosfera de piedade devoção e amor” (MADUREIRA, 2017, p. 34), de fato, à guisa de MacGrath, doutrina, ou ênfase doutrinária aparece aqui como elemento de demarcação social.

#### 4 CONCLUSÕES

Devido aos limites de nosso trabalho condensado neste artigo, não há como estender essas linhas, contudo, acreditamos ser suficiente o que foi apresentado enquanto programa inicial de nossas reflexões. Os autores aqui apropriados, nos conduziram a outros caminhos, procuramos coerência por nossos lugares social e de fala, as direções simpáticas às propostas de MacGrath e Schaeffer, sabendo, contudo, que objetiva neutralidade e afastamento do objeto nos seria impossível, conquanto admitamos tudo isso enquanto convenção acadêmica, nada mais.

Ambos os autores, Schaeffer e MacGrath nos foram uteis, principalmente, permitindo uma articulação produtiva ao abordar fé (doutrina) e cultura numa perspectiva histórica. Os problemas levantados por Schaeffer certamente continuaram tendo ressonância nas décadas seguintes, a cultura – para utilizar categorias em desuso – tanto material quanto imaterial, adquire grande importância em sua análise. Além disso, a história e a filosofia dão suporte acadêmico às suas

inferências. Quanto à MacGrath, à guisa do fundador de L'abri, a fé cristã não anula o rigor acadêmico, nem leva ao desprezo das ditas ciências modernas, neles, não há conflito entre fé e razão. Pelo contrário, as áreas do saber por eles abarcadas, reverberam suas convicções de fé, inclusive, subsidiam suas produções. Suas preferências pela história como ciência auxiliar fora um ponto de confluência e entrecruzaram nossas pesquisas, neles, a cultura, a pesquisa e a fé podem ser abordadas livres de preconceitos acadêmicos, ou do risco de anular o mito academicista de objetividade e neutralidade.

Como visto, aproximamos à primeira tese de MacGrath nossas inferências quanto a afirmação ou ênfase doutrinária, enquanto respostas à dinâmica cultural de nossos tempos. Associamos a isso, o que entendemos como um movimento de retração ocorrido sob o fenômeno das ênfases doutrinárias e articulações eclesiológicas registradas nas Assembleias de Deus no bojo da denominada revolução cultural a partir da década de 1960. Assim, as afirmações doutrinárias esposadas pelas Assembleias de Deus naquela conjuntura, aparecem também, como respostas à sociedade, tendo como ponto de inflexão os eventos relacionados à revolução cultural, ao comportamento, aos produtos culturais enquanto referências identitárias, bem como à nova paisagem religiosa brasileira, agora composta por *outros* grupos pentecostalizados.

Por fim, talvez pareça um equívoco, no entanto, notamos ao mesmo tempo, a ausência e a possibilidade de uma abordagem que leve em consideração a oralidade e outras linguagens não necessariamente verbais nas tradições cristãs, algo que parece ser contraditório em razão da alcunha de “povo do livro”. É bom lembrar, começando pelo professor de Oxford, que as formulações doutrinárias de Lutero ocorreram “por meio de hinos, liturgias, sermões e confissões” (MACGRATH, 2015, p.68). Além disso, como já assinalou parte da historiografia, a exemplo de Carlo Ginzburg (2006), há importantes contribuições das tradições orais e populares, talvez, inclusive na transmissão da doutrina, sob a narrativa oralizada e memorizada, possivelmente, próxima daquela de *O Narrador* em Walter Benjamin, uma narrativa pulsante, viva, presa a outros tempos, em seu último folego ainda não tocados pela confusa modernidade.

Algo semelhante foi sinalizado, digamos, na prolegômena da sistemática organizada por Stanley Horton (1997) sobre o importante papel dos poetas e compositores quando fala da música como meio transmissor das doutrinas pentecostais, algo semelhante fora percebido por Michel de Certeau (2011), em relação à Reforma Protestante, nesses moldes, ele enxerga a Reforma pelas lentes do racionalismo e suas dicotomias, para ele, a música parece se refugiar além do discurso racional – aliás, à guisa das afirmações de Schaeffer, no andar de cima – nas seguintes declarações;

Como se surpreender com o fato de que a religião e a cultura popular se manifestam como voz? A palavra, já dessolidarizada do discurso racional pela Reforma, é conduzida à música pela experiência espiritual: é um Paul Gerhard e um Johann-Sebastian Bach que marcam o ápice da mística luterana. O apogeu do anti-intelectualismo, ao qual a mística é levada pela nova *intelligentsia*, é a música, o poema e a cantata (CERTEAU, 2011, p. 205-206).

Além da possibilidade apontada acima, Chartier (2009) fala de uma prática de leitura encontrada até metade do século XVIII, onde o leitor era apresentado a um número reduzido de livros, dentre eles, a Bíblia que perpetua o mesmo texto e forma. Por outro lado, a leitura pessoal se situava numa rede de práticas sociais assentadas sobre o livro, principalmente a leitura e releitura em voz alta, na igreja ou na família, onde um lê e muitos ouvem, memorizam e reconhecem o texto lido, dessa forma, “na Alemanha reformada assim como na América puritana, a Bíblia constitui evidentemente, o alimento primeiro dessa prática plural do escrito” (CHARTIER, 2009, p.86). Dito isso, acenamos outras possibilidades de estudos, assumindo as propostas de Schaeffer, de uma concepção de vida e existência na recuperação da sensibilidade histórica da Reforma, na possibilidade do inteiro, onde tudo seja para maior glória de Deus!

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: idem. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª Ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Bíblia Online. Bíblia Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf> - Acessado dia 24/11/2018 as 13:17

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. - 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

DANIEL, Silas (Org.). *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. *O cuidado com a verdade*. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos*. (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 234-245. (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 234-245.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTON, Stanley (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

LEITE, Alberto M. *Cuidado com o Casamento*. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, s/m, 1974, p. 6.

MADUREIRA, Jonas. *Inteligência humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MACGRATH, Alister E. *A gênese da doutrina: fundamentos da crítica doutrinária*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

OLIVEIRA, Joanyr de. *Tim Tones, quem é e quem não é*. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, fevereiro de 1985, p. 19.

\_\_\_\_\_. *Carta aberta à Música Profana*. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, s/m, 1974, p. 14.

SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. São Paulo: ABU Editora/Editora Fiel, 2001.

SOUSA NETO, Fábio de. *Assembleianismo e alteridade: Práticas discursivas sobre o outro no Mensageiro da Paz e nas Atas Convencionais (1970-1980)*. 2013, 74 pg. Trabalho de conclusão de curso (monografia) História/HGSR. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia: 2013.